



CONFLITO ENTRE CARINHO E TRABALHO: UMA ANÁLISE EM PROFESSORAS PRIMÁRIAS

*Renata Fabrin**
*Lydia Akemy Onesti***

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo principal conhecer as condições que permeiam o cotidiano de trabalho de professoras do ensino fundamental. Visou também analisar os impactos das exigências dessa profissão sobre a sua saúde psicológica. Participaram 20 professoras do sexo feminino, residentes na cidade de Bela Vista do Paraíso, com idades entre 23 e 49 anos, sendo todas casadas e com filhos. A percepção que elas detém sobre a profissão implica em ser “mãe”, amiga, companheira, além de educadora. Constatou-se que as condições de trabalho e as exigências no desempenho de suas atribuições desgastam-nas física e emocionalmente, apresentando sintomas depressão, irritabilidade, ansiedade e insatisfação no trabalho, os quais caracterizam a fase de exaustão.

PALAVRAS-CHAVE: Professora; Condições de Trabalho; Saúde Psicológica; Estresse.

ABSTRACT

The present study aimed to know the conditions that surround the day-by-day working of the first grade's teachers. It also had the objective to analyze the impacts of the demands of this profession on their psychological health. Twenty teachers participated being them all women, living in the city of B.V.P., aged between 23 a 49 years, married with sons. Their perception about the profession is to be mother, friend, mate, beyond educator. It was observed that the conditions and the demands implicated in the performance of their attributions consume them physical and emotionally presenting symptoms of depression, irritability, anxiety and insatisfaction at work, which characterize the exhaustion phase of stress.

KEY-WORDS: Teacher; Work Conditions; Psychological Health; Stress.

* Psicóloga graduada pela Unifil.

** Docente do Curso de Psicologia da UniFil. Mestre em Psicologia. Orientadora da presente pesquisa.

E-mail: lydiaakemy@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Falar de doença é sempre difícil. Evocar o sofrimento e a doença é, em contrapartida, mais fácil: todo o mundo o faz (DEJOURS, 1995).

Salvar o corpo de acidentes, prevenir as doenças profissionais e as intoxicações por produtos industriais, assegurar aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes, dos quais se beneficiavam até então, sobretudo as classes mais abastadas, esse é o eixo em torno do qual se desenvolvem as lutas na frente pela saúde.

Novas “tecnologias” de submissão, de disciplina do corpo, a organização científica do trabalho gera exigências fisiológicas até então desconhecidas, especialmente as de tempo e ritmo de trabalho. As performances exigidas são absolutamente novas, e fazem com que o corpo apareça como o principal ponto de impacto dos prejuízos do trabalho.

O esgotamento físico não atinge somente os trabalhadores braçais mas o conjunto dos envolvidos na produção de massa.

Deste modo, não é o aparelho psíquico que aparece como primeira vítima do sistema, mas sobretudo o corpo dócil e disciplinado, entregue, sem obstáculos, à injunção da organização do trabalho, à engenharia de produção e à hierarquia do comando. Corpo sem defesa, corpo explorado, corpo fragilizado pela privação de seu protetor natural, que é o aparelho mental. Corpo doente, portanto, ou que corre o risco de tornar-se doente.

Embora tais aspectos sejam mais característicos aos trabalhadores fragmentados em tarefas simples nas instituições de produção, de comércio e de prestação de serviços, é possível fazer uma extensão aos professores. Conforme Soratto e Olivier-Heckler in CODO (1999), o poder de tomar decisões na escola é muito fragmentado e ser professor hoje em dia deixou de ser compensador, em função dos baixos salários e da perda do *status* social. Porém, a vantagem que se pode mencionar é que o professor está livre da fragmentação e da repetitividade, sendo ele dono de seu processo produtivo, estabelecendo ritmos e seqüência de atividades, possuindo liberdade de ação para criar e, o mais importante, participando efetivamente de seu processo de ensino desde o início até o final. De acordo com CODO e GAZZOTTI (1999), a relação é obrigatória para o exercício do trabalho. Na verdade, constitui-se num pré-requisito. Para que o trabalho atinja os objetivos traçados, a relação afetiva necessariamente tem que estar presente, já que a afetividade funciona como o grande catalisador.

Porém, SORATTO e OLIVIER-HECKLER (1999) referem-se à escola “como uma das piores organizações para se trabalhar” em função das seguintes condições citadas: “salários baixos; condições precárias; falta de flexibilidade

na administração de recursos; pouca perspectiva de progressão na carreira; trabalho importante, exigente e sem reconhecimento no mesmo nível” (p. 99).

A responsabilidade que socialmente é atribuída aos professores decorre da tarefa de preparar o “outro” para o futuro, conquistando a confiança de crianças e jovens na esperança de um futuro melhor e na concretização de seus projetos de vida.

Existe uma exigência no exercício de outros papéis, como amigos, conselheiros, confidentes, entre outros; papéis esses que são desempenhados sem qualquer expectativa de recompensas concretas, como prêmio de produção ou abonos salariais. Ainda conforme as autoras acima, o professor “não pode se dar ao luxo de sofrer, de ficar cansado. Um bom professor deve estar sempre disponível para atender aos seus alunos e aos pais deles” (p. 98).

Uma outra exigência imposta é que o professor deve estar constantemente atualizado para que possa responder de forma segura e correta aos questionamentos inesperados dos alunos. Deve possuir habilidades e conhecimentos para despertar e manter a atenção do ouvinte e tornar interessantes os assuntos, temas ou coisas outras, que nem sempre o são, além de saber lidar com realidades e interesses muito distintos. “... enfim, cabe ao professor motivar os alunos, construir a cena, independente das condições do palco” (SORATTO e OLIVIER-HECKLER, 1999, p.99).

Depara-se, portanto, com a realidade de que o trabalho, além de desgastante, é muito exigente e a jornada de trabalho se estende para além da sala-de-aula. As suas tarefas continuam sem que haja reconhecimento social ou mesmo compensação financeira.

Como a profissão docente legitimou-se a partir da identidade feminina, a maternidade espiritual foi associada ao exercício da docência na escola elementar, decorrente do conceito de “mãe educadora” (BATISTA e CODO, 1999), o que certamente a coloca em uma situação de conflito permanente, já que essa “maternidade” se reverte em salário ao final de cada mês.

Dessa forma, concordamos com o que Borsoi *in* CODO e SAMPAIO (1995) diz a respeito da mulher trabalhadora, ou seja, que os problemas que ela carrega em relação ao trabalho não são os mesmos enfrentados pelos homens. O trabalho doméstico adicional, por ser repetitivo e estender a jornada indefinidamente, apresenta características que contribuem para a fadiga crônica e exaustão física e mental, a saber, a falta de descanso semanal e férias (remuneradas ou não).

Como as mulheres se acham em maior número no ensino fundamental e, talvez, no ensino médio, observa-se que elas desempenham uma tripla jornada de trabalho: ministrar aulas durante o dia, cumprir com seu papel social, o familiar de mãe e esposa, e ainda preparar os materiais e recursos que tornem inte-

ressantes e atraentes as aulas.

Percebe-se que elas estão diariamente expostas a condições que podem promover um desgaste geral, conduzindo-as a um quadro de estresse crônico. Devido à necessidade de se manter no trabalho, estratégias de enfrentamento e de sobrevivência são necessárias, porém podem contribuir para o surgimento da síndrome de “burnout”, que se constitui em uma resposta ao estresse crônico. Tal síndrome ocorre com maior frequência em profissionais que lidam com outros seres humanos, como professores, médicos, enfermeiros, entre outros. Caracteriza-se pela exaustão emocional, despersonalização e comprometimento da auto-estima. Portanto, é interessante analisar o impacto das exigências da profissão de educador sobre a saúde psicológica em profissionais do sexo feminino.

OBJETIVOS

Caracterizar as atividades cotidianas presentes no trabalho das professoras de 1º Grau, relacionando-as ao bem-estar e/ou sofrimento decorrentes das condições de realização de seu trabalho;

Conhecer as responsabilidades que vão além do seu papel profissional, com invasão da esfera pessoal da vida;

Identificar os sintomas de estresse e a fase correspondente em que se encontram as professoras da amostra.

METODOLOGIA

Participaram 20 (vinte) professoras que lecionam em instituições educacionais públicas e privadas da cidade de Bela Vista do Paraíso – Pr., sendo todas elas casadas e com filhos. A coleta de dados foi feita em seus locais de trabalho ou nas residências, através de entrevistas individuais semi-estruturadas e do preenchimento do quadro de sintomas de estresse, considerando-se aí frequência e intensidade. Optou-se pelos professores de 1º Grau (1ª a 4ª Série) em função de lidarem, em geral, com crianças pequenas (7 a 10 anos), o que faz supor tanto um dispêndio maior de energias físicas e psicológicas, se comparado a professores que lidam com crianças maiores ou adolescentes, como também uma exposição mais intensa à ideologia da exploração, que procura identificar o trabalho do professor com funções maternas e/ou sacerdotais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos até o momento indicam considerável insatisfação com os baixos salários e com as condições de trabalho consideradas inadequadas, tais como: salas pequenas, falta de quadras de esportes, bibliotecas com acervo limitado, falta de salas de multimeios (vídeo e outros recursos audiovisuais), que afetam a qualidade do trabalho. Essa insatisfação é confirmada pelos registros de Soratto e Olivier-Heckler *in* CODO (1999).

Sentem a invasão de sua intimidade e privacidade no lar, causada pela extensão das obrigações profissionais, tais como: preparo de aulas, correção de trabalhos e provas, entre outras. Na opinião delas, o tempo livre é absorvido em sua quase totalidade pelo trabalho escolar e doméstico, visto que têm que conciliar o papel de professora com o de mãe, esposa e dona-de-casa. A profissão de professora primária é marcada por atividades que exigem e lhes “roubam” praticamente os três períodos. Isso acontece por não haver uma delimitação entre os deveres escolares e os familiares. O seu cotidiano é marcado por uma correria intensa, onde a administração da casa toma uma posição central fora da sua jornada de trabalho. Isso não significa ela esteja encerrada, pois a professora executa muitas outras tarefas, que vão desde o cuidar dos filhos, dos netos, até fazer compras, ajudar os filhos nas tarefas escolares, além de executar atividades domésticas.

Seria pertinente alertar que a jornada de trabalho feminino desdobra-se em duas ou mais, devido à necessidade de conciliar o trabalho e as tarefas domésticas.

Tal condição já é suficiente para proporcionar um desgaste geral; porém, o exercício de uma atividade repetitiva indispensável e desvalorizada socialmente, tal como o trabalho doméstico, contribui para a fadiga crônica e a exaustão física e mental (Borsoi, *in* CODO e SAMPAIO, 1995).

Isto justifica o fato da baixa disposição e do cansaço relatados para qualquer atividade que possa surgir após o encerramento do período de trabalho na escola. Excluindo 9 (nove) das participantes que freqüentam a faculdade, as demais preferem ficar sozinhas, dormir e descansar quando possível..

Com relação à identidade profissional, 60% das participantes denotaram através da sua opinião expressa, viver a profissão de professora como algo que transcende aos aspectos da alfabetização e da formação inicial do educando.

Na opinião delas, ser professora primária implica em ser educadora, “mãe”, amiga, companheira, artista e mágica, vivenciando com os alunos descobertas e desafios. Propiciar condições aos alunos para o seu desenvolvimento global, tanto no que se refere aos aspectos da aprendizagem, afetividade e socialização,

produz sentimentos de gratificação, fortalecendo a concepção pessoal de amar aquilo que faz.

As gratificações oriundas do trabalho limitam-se exclusivamente à relação delas com os alunos e consistem no carinho, no progresso e no aprendizado demonstrado por eles. Valorizam muito as trocas entre alunos e professores, especialmente quando as crianças “fazem as suas descobertas”, demonstrando com isso autonomia em lugar de heteronomia. Segundo FERREIRO e TEBEROSKI (1995), *“O sujeito que conhecemos é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que esse mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói sua próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo”*.

Porém, existem instâncias do trabalho que provocam tensão e sobre as quais as professoras detêm pouco controle: cumprimento de prazos, seguimento de programas e conteúdos pré-determinados, sistema de avaliação no que tange aos aspectos acadêmicos, más condições de trabalho, ambiente escolar carente devido à falta de professores, número elevado de alunos por sala e falta de valorização e reconhecimento do trabalho. Podem ser considerados como fatores facilitadores do desenvolvimento do estresse.

Batista e Odelius *in* CODO (1999), ao analisarem a relação entre infraestrutura das escolas e “burnout” nos professores, descobriram a existência de uma relação entre esses dois fatores, especialmente considerando a falta de recursos que promovem melhores condições de trabalho.

Como a profissão encerra algumas exigências repetitivas, doenças físicas como varizes, alergias, perda de voz, bursite e problemas de coluna, podem estar presentes no cotidiano, e com as quais elas devem aprender a conviver.

Percebe-se, portanto, que não é só a falta de condições nas escolas, mas também as exigências da profissão em si representam riscos à saúde física das professoras.

Associado a isso, vários estudos apontam que todas as profissões que exigem contato direto com pessoas desgastam o profissional, em decorrência da multiplicidade de demandas e da diversidade de dificuldades que o profissional tem que atender. Portanto, pelo fato das professoras usualmente transcenderem o seu papel profissional, envolvem-se emocionalmente com os alunos e seus problemas. Esse envolvimento é considerado por FONTANA (1994) como um dos fatores que contribui para o desenvolvimento do estresse.

O autor ainda aponta que os professores figuram de forma destacada entre

os grupos profissionais que vivenciam fatores estressantes em seu trabalho, em decorrência da forma de apreciação pública sobre eles. Não há reconhecimento de seus sucessos, mas cada erro é detectado e divulgado, fazendo com que sofram, assim, penalizações indevidas.

Outros aspectos que contribuem para o desenvolvimento do estresse incluem a incapacidade para ajudar ou agir de forma eficaz, responsabilidades do cargo, excesso de trabalho, pressões de prazo, e alunos com problemas pessoais. Lidar com suas próprias emoções e com as dos outros impõe uma dose de tensão, pelo fato de ter que abordar determinadas situações delicadas dentro de limites que não ultrapassem o seu papel profissional. Além disso, na relação direta com os educandos, a falta de disciplina, de respeito, o barulho excessivo, falta de interesse e atitudes de violência e agressão por parte dos alunos, também desgastam o professor no dia-a-dia.

Daí, a relevância em se dedicar maior atenção ao grau de estresse experimentado por essa categoria profissional.

Na presente pesquisa, foi configurado um quadro dos sintomas de estresse apresentados por elas, sendo que os mais prevalentes e que expressam tal desgaste consistem em: irritabilidade, ansiedade, insatisfação no trabalho, fadiga, dores musculares e dores de cabeça, todas com intensidade moderada.

A maioria desses sintomas se manifesta na fase de exaustão, fase esta em que elas já se encontravam. É nesta etapa que as reservas de energia do organismo se acham totalmente esgotadas, abrindo caminho para o desenvolvimento de doenças crônicas (LIPP, 1998). No caso delas, a hipertensão arterial, tendinites, LER, além do comprometimento da saúde psicológica, como depressão, irritabilidade e desgaste psicológico, foram as mais citadas.

Em função da possibilidade do estresse decorrente do trabalho desenvolver-se na direção da síndrome de “burnout”, tornando-as ainda mais comprometidas, qualquer esforço para que isso fosse evitado deveria ser levado em conta.

Assim, a introdução de atividades que pudessem minimizar o desgaste poderia contribuir de forma positiva para garantir o bem estar psicológico.

CONCLUSÕES

A professora está exposta a uma condição de conflito permanente quanto à sua afetividade no trabalho, conforme aponta Carvalho, *in* CODO e SAMPAIO (1995), pois educar é preparar alunos para vida. Mas constitui também uma contribuição da sua parte a preparação de uma força de trabalho para posterior exploração pelo capital. O conflito é decorrente também da percepção de que esse mesmo capital é o responsável pela sua precária condição de vida, ao mes-

mo tempo em que lhe possibilita experimentar momentos de êxito através da constatação do progresso de seus alunos. Observar as contradições presentes em seu dia-a-dia e ter que conviver com situações sobre as quais não detém qualquer controle para mudar, constituem-se em um campo fértil onde sentimentos desagradáveis emergem.

Para que esses sentimentos desagradáveis decorrentes desse conflito de valores pudessem ser minimizados, a autora citada abaixo propõe o deslocamento desse “afeto ao produto do seu trabalho, à formação do aluno cerceada pelas relações de produção, para outras esferas compensatórias dentro de contexto de trabalho: a amizade com outras professoras, um encontro de colegas aos fins-de-semana ou ao final do expediente, etc. Mas essas vias compensatórias de recuperação da afetividade no trabalho nem sempre são realizáveis, pelo menos para as professoras com o perfil aqui caracterizado, pois, sendo mulheres, em geral, casadas e com filhos, têm obrigações impostas a elas pela sociedade, em decorrência de seu papel social de esposa, mãe e dona-de-casa” (Carvalho, *in* CODO e SAMPAIO, 1995, p. 138).

A responsabilidade e o comprometimento com o bem-estar psicológico impedem as profissionais de refletirem, não só sobre as condições de sofrimento e exploração a que estão submetidas mas, principalmente, sobre as estratégias ou projetos de vida que podem ser desenvolvidos em direção a esse bem-estar. Tais projetos não têm, necessariamente, que incluir atividades grandiosas e onerosas; podem ser, simplesmente, dentro da perspectiva de DE MASI (2000, p. 299), o que podemos fazer no tempo livre sem gastar nada, como: “... passar sozinhos ou com amigos, ir à praia, adivinhar os pensamentos e as paixões que estão atrás dos rostos dos passageiros do metrô, admirar as fachadas dos prédios e as vitrines das lojas, assistir a um festival na televisão, ler um livro, levantar uma polêmica com um motorista de taxi, assistir ao pôr-do-Sol ou ao nascer da Lua, admirar a sábia beleza de uma garrafa, de um ovo ou dos carros que circulam pelas ruas. Podemos ainda nos balançar numa rede, que é o símbolo por excelência do ócio criativo, perfeita antítese da cadeia de montagem que foi o símbolo do trabalho alunado. Em suma, dar sentido às coisas do dia, em geral lindas, sempre iguais e diversas, e que infelizmente ficam depreciadas pelo uso cotidiano”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, A. S; CODO, W. Crise de identidade e sofrimento. *In*: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BATISTA, A. S; ODELIUS, C. C. Infra-estrutura das escolas públicas. *In*: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BORSOI, I. C. F. A saúde da mulher trabalhadora. *In*: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C. **Sofrimento psíquico nas organizações. Saúde mental e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARVALHO, H. T. T. K. Professora primária: amor e dor. *In*: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J.C. **Sofrimento psíquico nas organizações. Saúde mental e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CODO, W; e GAZZOTI, A. A. Trabalho e afetividade. *In*: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicologia da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FONTANA, David. **Estresse**. São Paulo: Saraiva, 1994.
- LIPP, Marilda Novaes. **Como enfrentar o stress**. Campinas: Ícone, 1998.
- SORATTO e OLIVIER-HECKLER. Os trabalhadores e seu trabalho. *In*: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.